

Mapeamento da FGV ajuda governos a criar políticas de combate à covid-19 para idosos

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

RJ e RS são os estados com mais idosos

Japão e Itália têm a população mais velha do mundo

Pessoas com 65 anos ou mais são mais ricas e menos alfabetizadas.

Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul concentram, juntos, 26,01% da população brasileira com 65 anos ou mais. Num recorte geral, os idosos (10,53%) possuem renda mais alta e estável em relação ao resto do país. Esses foram os achados da última pesquisa da FGV (Fundação Getúlio Vargas), lançada nesta 3ª feira (8.abr.2020), com o objetivo de ajudar os governos a fim de mitigar os efeitos mais graves da pandemia da covid-19. Eis a íntegra. De acordo com a mostragem, pessoas com 65 anos ou mais correspondem a 19,3% dos chefes de família e estão acima da média geral de idosos no país. “Isso sugere dificuldade na política de isolamento domiciliar”, disse o economista Marcelo Neri, professor na instituição. O número de casos da covid-19 segue em escalada no país, com 118 novos casos e 13 mortes somente até as 13h40 desta 4ª feira, totalizando 14,152 infectados. Perfil No que diz respeito à distribuição pelas faixas de renda, idosos representam 17,44% dos 5% brasileiros mais ricos e 1,67% dos 5% mais pobres. O grupo também é o mais presente nas classes mais abastadas: 15,54% integram a classe AB; e 13,07% fazem parte da classe C. “Há 10% menos desigualdade de renda per capita entre eles. Também sãoos menos expostos à pobreza, destaca Neri. No tocante a ativos físicos, a taxa de idosos é maior entre aqueles que possuem casa própria (13,17%), com pouco ou nenhum acesso à internet (22,47% dos brasileiros sem internet em casa são idosos), mas com acesso à TV (12% dos que tinham TV eram idosos, enquanto 10,22% dos que tinham canais a cabo estavam nesse grupo). Em se tratando de alfabetização, o percentual de idosos que não saber ler nem escrever chega a 30%.

Localidade Com relação à localização dos idosos, o Estado que possui maior taxa de pessoas com mais de 65 anos é o Rio de Janeiro (13,06%), seguido pelo Rio Grande do Sul (12,95%), São Paulo (11,27%) e Minas Gerais (11,19%). Em contrapartida, a região Norte é a que apresenta o menor percentual de idosos. Roraima (5,26%), Amapá (5,75%), Amazonas (6,7%), Acre (6,9%) e Pará (7,07%) ocupam as últimas posições do ranking por UF. A capital fluminense é a que apresenta o maior percentual de idosos (14,5%). A região administrativa da cidade com maior proporção de idosos projetada em 2020 é Copacabana, com 27,48%. O número corresponderia ao 2o lugar no ranking mundial se o bairro fosse um país. “A velha Guanabara não é habitada por jovens bronzeados, mas por idosos igualmente bronzeados. Além disso, a periferia metropolitana do Grande Rio é a que apresenta maior percentual de idosos do país (11,9%). Espera-se que os governos do Estado e da cidade do RJ não afrouxem as medidas de isolamento social, uma vez que essas regiões concentram a maior taxa de vulneráveis em contexto nacional”, observou Neri. Cenário internacional e turismo O líder do ranking mundial de envelhecimento em 2020 é o Japão, com 28,4% da população idosa, seguido da Itália (23,3%). O continente africano e o Oriente Médio representam as frações mais pobres do mapa-múndi. Emirados Árabes Unidos (1,26%), Catar (1,69%) e Uganda (1,99%) apresentam as menores taxas de idosos. Territórios mais ricos tendem a concentrar maior residentes mais velhos. A crise se propaga inicialmente para pessoas mais ricas de lugares mais ricos, conectados às redes de viagens internacionais. Nova York, Milão e São Paulo representam os maiores focos da pandemia. “Nesse aspecto, os 6,4 milhões de turistas estrangeiros que chegam ao Brasil a cada ano (contra 50 milhões da Itália, 70 milhões da Espanha, 78 milhões dos EUA e os 85 milhões da França) representaram uma vantagem. Mesmo no auge do surto, apenas 2,5% dos

brasileiros viajaram para fora, diminuindo os riscos de trazer de volta o contágio”, avaliou.



Idosos e pacientes de doenças crônicas representam o público que causa maior preocupação com a pandemia do novo coronavírus Marcelo Camargo/Agência Brasil.